

A MEDICINA NA MESOPOTÂMIA ANTIGA

(2ª Parte)

J. MARTINS E SILVA

RESUMO

A segunda parte abrange exclusivamente as características da medicina Mesopotâmica nas suas facetas principais: conceito de doença, curadores e prática. A doença era considerada um castigo divino ou resultante de uma influência maligna. Nessa base, a medicina começava por ser preventiva, pelo uso de amuletos apropriados, oferendas ou sacrifícios apaziguadores daquelas forças malignas. Por seu lado, o tratamento da generalidade das doenças privilegiava a expulsão daqueles espíritos e influências malignas do corpo do doente, purificando-o, pela intervenção específica de um *āšhipu* (clérigo-exorcista); não havendo resultados, o tratamento era prosseguido pelo *asû* (curador prático), que recorria a um conjunto de manipulações físicas, pequenos actos cirúrgicos e administração ou aplicação de prescrições medicamentosas variadas, resultantes da mistura de substâncias orgânicas e inorgânicas. Em caso de insucesso, os doentes poderiam recorrer aos serviços de um sacerdote-adivinho (*bârû*) que, pelo exame das vísceras de um animal especialmente sacrificado para o efeito, daria uma explicação final. Aparte esta faceta mais esotérica, substanciada em crenças religiosas e na magia, a medicina Mesopotâmica incluía conhecimentos racionais, decerto resultantes da observação sistemática dos doentes e interpretação da sua sintomatologia. Através desses conhecimentos referidos à época da Suméria, cuidadosamente anotados, refinados e transmitidos às gerações seguintes, foi construído um valioso conjunto de textos que abrangem a sintomatologia, diagnóstico e prognóstico das doenças mais comuns, actualmente identificáveis pela descrição interpretada.

SUMMARY

MEDICINE IN ANCIENT MESOPOTAMIA – PART 2

The second part embraces exclusively the main characteristics of the medicine in Ancient Mesopotamia, in its main facets: concept of disease, healers and practice. The disease was considered a divine punishment or resultant from a malign influence. Insofar, the medicine began by being preventive, by the use of appropriate amulets or by offerings or sacrifices intending to pacify those malign forces. The treatment of the generality of the diseases privileged the expulsion of those spirits and malign influences from the patient body, purifying it, which was done by the specific intervention of a *āšhipu* (clergyman-exorcist); not having results, the treatment was continued by the *asû* (practical healer) that appealed to a group of physical manipulations, limited surgical acts and the administration or application of prescriptions, resultants of the mixture of organic and inorganic substances. In case of failing, the patients (as well as common healthy individuals or rule leaders) could fall back upon a priest diviner (*bârû*) that, by examination of the organs of an animal especially sacrificed for, would give a final decision about the disease or the future. Besides this more occult facet, nourished in religious faiths and in the magic, the medicine of Ancient Mesopotamia included rational knowledge, certainly as the result of systematic patients observation and semiotic interpretation. From those observations and knowledge referred to the Sumerian period, carefully logged, refined and transmitted

J.M.S.: Professor Catedrático (Aposentado). Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa Lisboa

© 2010 CELOM

to the following generations, it was built a valuable group of texts with the description of symptoms, signs, diagnosis and prognostic of the most common diseases, still identifiable in the present.

2 – PRINCÍPIOS, CONTEÚDOS E PRÁTICA DA MEDICINA*

Conceito e natureza das doenças – É justificável que a medicina praticada na Mesopotâmia Antiga seja apreciada no contexto das sociedades teocráticas, dirigidas por soberanos absolutos, sob uma poderosa influência religiosa e de uma tradição baseada no medo de espíritos e divindades malignas para a Humanidade^{26,44}. Deste modo, os amuletos (Figuras 8 e 9), preces, recitações, oferendas, sacrifícios e outras cerimónias religiosas eram peças comuns destinadas a convocar os deuses para uma determi-



Fig. 8 – Amuleto em ouro representando uma divindade Hitita (cerca de 1400-1200 a.C.) que o portador trazia pendente do anel que se observa no dorso da imagem.)
Cortesia : ©Trustees of the British Museum

nada cura ou para os apaziguar. Estas práticas eram regularmente completadas por uma relevante farmacopeia de drogas diversas, baseada em centenas de plantas, minerais e produtos animais, administradas sob diversas formas no tratamento das doenças, de acordo com um ritual que, entre outros aspectos, tinha em atenção a hora do dia e a posição das constelações.

Admitia-se que todas as pessoas tinham um destino pré-determinado pelos deuses, os quais poderiam também alterar ou influenciar esse destino a qualquer momento da vida. Para protecção contra espíritos malignos, demónios, doenças e outros eventos desagradáveis, acreditavam que cada indivíduo tinha uma espécie de espírito-guardião (equivalente ao anjo da guarda da tradição cristã). Se o indivíduo incorresse em falta ou pecado os deuses retiravam-lhe o espírito-guardião, expondo-o assim a todas as doenças, azares e, inclusivamente, à morte. O poema seguinte (*Poem of the Righteous Sufferer*) reflecte o temor dessas consequências⁴⁵:

*«My god has forsaken me and disappeared,
My goddess has failed me and keeps at a distance.
The benevolent angel who walked beside me has departed,
My protecting spirit has taken to flight, and is seeking someone else.
My strength is gone; my appearance has become gloomy;
My dignity has flown away, my protection made off...
The king, the flesh of the gods, the sun of his peoples,
His heart is enraged with me, and cannot be appeased»*

Aparte os amuletos de uso individual, também a colocação de estátuas gigantescas de leões alados (*kurub*, que poderá estar na origem da palavra *querubim*) à porta dos palácios (Figura 10) tinha por objectivo proteger o rei e os seus familiares²⁵.

De acordo com aquelas crenças, todas as doenças ou deficiências funcionais resultariam de uma intrusão ou de uma causa exterior, na generalidade resultante de eventual mau comportamento ou acção censurável que o paciente teria cometido e pelo qual estaria a ser punido (*possuído*) pelos deuses ou por espíritos⁴⁴. Tal interacção poderá justificar o isolamento a que os doentes eram confinados, de

*A transcrição dos textos respeita a tradução e anotações dos autores referenciados, explicando-se assim alguma terminologia em desuso e a forma como são apresentados.



Fig.9 – Amuletos representativos do demónio Pazuzu, referentes ao último período da Babilónia e ou Neo-Assírio (cerca de 800-500 a.C). (A) Placa em bronze (cerca de 5 X 3 cm) com dois anéis para ser usado em suspensão, O demónio era figurado com tronco humano e quatro asas, patas dianteiras de leão, patas traseiras de abutre e cauda de serpente; (B) Cabeça em liga de cobre com anel para suspensão.

Cortesia: ©Trustees of the British Museum

modo a evitar que os demónios se transferissem para outras pessoas, o que, na prática constituía uma boa medida de higiene e prevenção para algumas doenças transmissíveis. A interdição de tocar os doentes influenciou outras culturas, designadamente a Hebraica⁹. Por sua vez, o modo como os doentes diziam estar doentes tinha a ver com os fundamentos e léxico próprio dos encantamentos. Assim, o local da doença ou da sintomatologia (p.ex., dor, febre, diarreia) era simbolizado pelas expressões estar a ser *comido*, *roído* ou *estar agarrado*, resultantes da transferência das queixas para a responsabilidade de um demónio (que estaria a *comer* a parte do corpo onde o doente localizava os sintomas, ou o teria *capturado* nos seus intuitos malignos)⁴⁶.

Decerto, também eram reconhecidas doenças resultantes de causas naturais (p.ex., calor ou frio excessivos, feridas de guerra, excessos alimentares ou por ingestão de alimentos deteriorados). Exceptuando este tipo de etiologias, a lista de possíveis ofensas aos deuses era enorme, pelo que a probabilidade de cada indivíduo incorrer em falta e adoecer ou ter outras complicações na sua vida seria decerto igualmente elevada, induzindo-lhe uma ameaça psicológica constante que procurariam minimizar com os referidos amuletos e encantamentos exorcistas. Aque-

les distúrbios ainda poderiam resultar do arbítrio de um espírito (fantasmas, deuses) maligno ou demónio, ou por feitiço ou maldição de outro indivíduo. Os fantasmas de familiares descontentes (por serem negligenciados em ofertas fúnebres) ou de indivíduos falecidos de causas não naturais ou sem sepultura adequada incluíam-se entre as causas mais frequentes de doenças. Cada um dos espíritos ou deuses era responsável por uma doença em dada parte do corpo. Para afastar o castigo, os indivíduos afectados confessavam aos deuses os possíveis pecados cometidos, ao mesmo tempo que procediam a determinado gesto simbólico ou à destruição de uma planta ou outro material, seguindo um ritual próprio que incluía uma ladainha apropriada¹⁸.

A medicina Mesopotâmica, em particular a Babilónica-Assíria, quase nunca dispensava os encantamentos. Estes eram enquadrados em cerimónias próprias, ensaiadas, que simbolizavam como o doente melhorava, quando se sentia aliviado ou quando desaparecia o efeito da «mão do demónio» causador da situação. Entre os mais diversos rituais mágicos utilizados incluíam-se, p. ex., fazer nós numa corda (simbolizando o aprisionamento pretendido do demónio assim que este fosse expulso do doente), colocar na água um objecto flutuante (na expectativa de que



Fig. 10 – Leão alado em pedra do palácio de Ashurnasipal II. Descoberto em Kalhu, referido ao período Neo – Assírio (cerca de 883-859). Dimensões: 3,5 m de altura X 3,7 m de largura. Este tipo de estátuas flanqueava habitualmente as portas dos palácios reais, como guardiãs contra as forças de destruição. Eram representadas com cinco pernas, de modo que vistas de frente pareciam paradas e em vigilância; observadas de perfil afiguravam-se em movimento contra inimigos que se apresentassem de frente. Simbolizariam seres mitológicos com inteligência humana (cabeça), força de leão (corpo) e rapidez das aves (asas). Na base lia-se uma inscrição com os diversos títulos do soberano, realizações e os nomes dos seus antepassados.

Cortesia: ©Trustees of the British Museum

o demónio fosse arrastado pela corrente), descascar uma cebola, atirando cada fragmento para uma fogueira (pretendendo que ao ser-lhe removida e queimada casca após casca, a cebola nunca criasse raízes nem florescesse, pelo que o demónio não voltaria a apossar-se do doente). Em alternativa, também eram lançadas ao fogo, p ex., tâmaras, rebentos de plantas, peles de animal pedaços, pedaços de carneiro, algodão e algumas espécies de semente, acompanhados igualmente de uma litania que expressava o desejo de cura. De acordo com os textos descobertos, aqueles produtos também faziam parte da lista de substâncias

utilizadas como remédios ou acessórios terapêuticos, a que acresciam muitas outras substâncias naturais (p. ex., leite, mel, manteiga, nata, farinha, vinho, óleo, carne, diversas plantas, ervas e pedras), decerto com efeitos comprovados em doenças comuns. Parece que o uso daquelas substâncias se baseava numa lógica primária, em que o bom para os humanos deveria ser mau para os demónios^{9,27}.

É de notar que a origem sobrenatural de algumas doenças e de práticas mágicas relacionadas ainda são parte do imaginário e das superstições de alguns sectores da sociedade contemporânea^{26,44}.

A conotação moderna em categorias mágicas e racionais, como significado de situações ou factos não científicos ou científicos, além de minimizar os costumes e crenças daquela época remota da história humana não as enquadra no contexto em que decorria a vivência das respectivas populações. Na realidade, a metodologia Babilónica de estabelecer o diagnóstico a partir da observação do doente e da sua sintomatologia, da qual concluía um prognóstico e estabelecia um tratamento (possível), equivalia à prática médica actual, com uma diferença: a etiologia de quase todas as doenças era atribuída pelos Babilónicos aos seus deuses ou espíritos e, como tal, requeria uma actuação específica, purificadora (Figura 11). A identificação da causa de cada doença (simbolizada numa divindade que teria «posto a mão» no indivíduo para o castigar de um pecado, porque lhe retirara a protecção, deixando-o exposto à entrada da doença provocada por demónios ou maldições de outros indivíduos, ou por qualquer outro motivo aleatório) não era resolvida com unguentos, ligaduras ou outras práticas comuns. Requeria a intervenção de um exorcista para a correcta identificação da divindade ou espírito que causara a situação, de modo a conseguir a sua reconciliação com o doente³⁰.

Por exemplo, os tratamentos oculares incluíam geralmente uma prece para a dor provocada pela situação:

«If a man's eyes are affected with dryness, he shall rub an onion, drink it in beer, [apply] oil to his eyes...⁴⁷

O clear eye, O doubly clear eye, O eye of clear sight! O painful eye, O doubly painful eye, O eye of painful sight! A pair, they are one eye, yet a mountain is set as a bar between them . . . (on) their surface a knot is tied, (on) their under parts a wall is built. . . What hath been their wind, what not their wind...? What hath been their windgust, what not their windgust? Wind of the face, dimness of the face, cloud...⁴⁸

q. Possivelmente com o mesmo intuito, também eram administrados aos doentes preparados repugnantes e de sabor muito desagradável. Este costume ainda perdurava na Idade Média, através de mezinhas populares que incluíam urina de pessoas e animais e todo o género de substâncias imundas ou apodrecidas.

É de salientar que a invocação de divindades e outros rituais mágicos se associava às características racionais já patenteadas em algumas práticas médicas. Na presença de determinado sintoma ou sinal (apresentados em pormenor, por vezes incluindo a designação da doença e o respectivo diagnóstico e prognóstico), era indicada uma prescrição (frequentemente não identificável) orientada para os sintomas ou para a parte do corpo afectada. A referência ao prognóstico resumia-se a uma curta afirmação, tal como *ele vai viver* ou *ele vai morrer*, como nos seguintes exemplos:

«If baldness of the temples affects a man, the gums of a snake, the claw of a scorpion, red wool, male su-plant, sinew of a gazelle thou shalt spin together, roll up in wool, bind on his temples, and that man shall live.»⁴⁹

«If a man's temples affect him and his eyes both hold tears, thou shalt mash Lolium, mustard, roses, flour of parched corn, meal of *barley together in a pot in rose-water, bind on his temples, and he shall recover.»⁵⁰

«If a man (has) an affection of the temples and vomits much, (and) cannot lift up his bed, he will die.»⁵¹

«If a man is sick with a blow on the cheek, fir-turpentine, pine-turpentine, tamarisk, daisy, flour of in-ninnu, together thou shalt pound, strain, in milk and beer in a small copper pan thou shalt mix, spread on a skin, bind on him, and he shall recover.»⁵²

«If the muscle of a man's right loin hurts him, there being a wasting of the flesh, his limbs being paralyzed, his evacuations constricted, he forgetting whatever he does, his saliva being dry, that man, before Gula sorcery besets him. On the twenty-seventh (or) twenty-eighth day his speech will cease, there will be Hand of the Stoppage of Life, he will die.»⁵³

«If a man's epigastrium holds heartburn, his epigastrium burning him...»⁵⁴

«If a man's head hurts him], his mouth pricks him, his eyes trouble him, [his ears sing], his throat chokes him, his neck-muscles hurt him, ... his fundament, his breast, his shoulders and his loins hurt him, [his fingers] are cramped, his stomach is inflamed, his bowels are hot, ... his hands, his feet and his knees ache, he has..., either his bowels are affected, or his kidneys are upsetting him, ... or he is sick of retention, either restriction of constipation or restriction of breath..., or is sick of nephritis (?) or is sick of bile, or is sick of jaundice, ... [or] is sick from a curse, or is sick of ulcers (?), or of rheumatism, or of the hand of a ghost, ... or is sick of the demon Raiser of the Head for Evil... To assuage his obsession... poppy, stone of poppy (opium), Artemisia, **balsam, *sagapenum... licorice, root of licorice, male Mandragora... [kan]kadu,



Fig. 11 – Placa (referida ao período Neo – Assírio, cerca de 934-612 a. C.) contra o demónio feminino Lamashtu, supostamente causador de muitas das doenças da época. A placa deveria ser pendurada sobre a cama do doente para o salvar do demónio, que surgiria de frente. Destacando-se da parte superior da placa, como que segurando-a, estão representadas a cabeça e garras de Pazuzu, marido da demónio, que teria acção benéfica e protectora do doente contra os malefícios de Lamashtu. Imediatamente abaixo estão representadas diversas divindades que, ao serem invocadas, participariam na cura: o deus -sol (Shamash), a lua em quarto crescente (Sin), o deus das tempestades (Adad, representado por um dardo) e um disco alado (Ashur, a principal divindade do panteão Assírio). Abaixo deste friso estão sete espíritos, cada um com uma diferente cabeça de animal, que seriam guardiães da porta do quarto do doente. Este está representado no 2º friso, rodeado por duas figuras que actuariam como exorcistas. Estas personagens envergam roupagens com a configuração de peixe (trajo dos espíritos associados à divindade da sabedoria e das profundezas, Ea). Finalmente, na parte inferior são evidenciadas as causas da doença. Lamashtu, que cavalga um burro dentro de um barco, apresenta-se com dimensões muito superiores às dos restantes símbolos e com aspecto temível: corpo peludo, cabeça de leão e garras. Segura cobras e amamenta duas crias de leão. Por detrás está novamente uma silhueta de Pazuzu. O barco navega num rio cheio de peixes, que configura o mundo subterrâneo dos demónios. São ainda apresentados na parte lateral deste friso oferendas e provisões, destinados a apaziguar o demónio e a apressar o seu regresso à morada subterrânea.

Cortesia: ©Musée du Louvre /Pierre t Maurice Chuzeville.

*sumach, lidrusu, Salicornia-alkali,... fennel, fennel-root, as?umtu, *Arnoglosson... Solanum...»⁵⁵.*

Além de um notável número de doenças descritas, alguns textos já diferenciavam, por vezes em pormenor, os diferentes aspectos e evolução dessas patologias em determinada parte do corpo. Nos exemplos que se seguem são evidenciadas formas complicadas de doença gástrica e hepática em que, após ser formulada a sintomatologia e o diagnóstico, é indicada a respectiva terapêutica, a menos que o prognóstico seja fatal (por vezes indicado pelo termo *akkhazu*, que simbolizava um demónio específico):

«If a man's chest is affected, the stool is like urine, his throat hurts him in speaking, he vomits-all the man's insides are affected, take...»⁵⁶

«If a man, without eating anything, is inclined to vomit, has much phlegm, the saliva that flows from his mouth is bitter [indicando acidez gástrica], his face glows, his stomach is distended, his body is shrunk [mirrado], his limbs (as) on a cold day shake [calafrios], food and drink cause pain, he drinks a great deal of cold water; he vomits, wind rumbles in his anus [meteorismo], the muscles of his body ache and seem weak, the fleshy parts are painful, whatever he eats does not agree with him, take...»⁵⁷

«If a man is affected with yellowness of the eye, and the disease spreads into his eye, causing a flow of tears... his abdomen is swollen, he gives back food and drink, that man is affected all over by the sickness, and will die.»⁵⁸

«When a man's body is yellow, his face is yellow and black, the root of his tongue is black, and that is akkhazu... When a man has akkhazu, his head, his face, his whole body and even the root of his tongue is affected, the physicians should not treat him [literally, 'should not bring his hand to him'], that man will die, he cannot recover.»⁵⁹

Cada prescrição poderia indicar os ingredientes, quantidades, modo de as preparar, posologia, horário e as formas de administração, como na seguinte fórmula para escurecer o cabelo:

«If a man's head in his youth is full of grey hairs, to darken the grey hair... into oil thou shalt put until they die... bray, in oil of the cypress of a cemetery thou shalt mix, anoint... one hundred days thou shalt anoint..., the charm seven times thou shalt recite... thou shalt pound, therein refined oil... [under] the stars thou shalt set it, (on) his head press it, bind on for seven days and he shall recover.»⁶⁰

Algumas doenças eram reconhecidas como contagiosas, justificando o isolamento dos doentes, o registo administrativo de epidemias e a deslocação de povoações in-

teiras para locais afastados do foco de contágio⁶¹. Acreditava-se que a irrupção de uma epidemia seria causada por um deus enraivecido que, havia «colocado a sua mão», «tocara» ou «batera» numa comunidade ou num indivíduo. De acordo com uma placa descoberta na cidade de Mari, o contágio ocorreria através dos pertences do doente, tais como copos, cama, roupas, excrementos, pentes, ornamentos e assentos utilizados⁶¹. Por esse motivo eram emitidas ordens reais para que as pessoas não entrassem nas zonas tocadas ou delas sássem rapidamente, abandonando mortos e doentes⁶².

Numa carta redigida por Zimri-Lim (um dos reis de Mari, cerca de 1780 a.C.) à sua esposa Šhibtu, é visível a sua preocupação quanto à contaminação do pessoal do palácio pela doença (cutânea, provavelmente lepra) que afetava uma das damas da corte⁶³:

«[To] Šhibtu (my wife), say: Your lord (husband) says:

I have heard that the lady Nanname is suffering from skin lesions; yet, she frequents the palace. It will infect many women with her (ailment). Now, then, give strict orders that no one drink from the cup she uses, and no one sit on the seat on which she sits, and no one lie on the bed on which she lies, so that it should not infect many women with her (ailment). That skin lesion is catching.»

Nesta perspectiva, a atribuição da causa de uma doença a um agente externo ao corpo (em que os espíritos poderiam ser, afinal, agentes infecciosos) não deixa de constituir uma notável antecipação milenar da microbiologia. De facto, do mesmo modo que actualmente são diferenciáveis os microrganismos causadores de doenças infecciosas, também os antigos Babilónicos e Assírios indicavam os demónios que estariam na origem das suas afecções e problemas pessoais. Por exemplo, enquanto o demónio *Ashakku* seria responsável por uma doença debilitante (eventualmente a tuberculose), o *Akhkazu* era causador de afecções hepáticas²⁶.

Na correspondência enviada por Arad-Nanâ, médico da corte de Assurbanipal, para o próprio rei, é patente um outro aspecto da prática clínica, neste caso a atenção a melindres que fossem susceptíveis de perturbar o interrelacionamento médico. A placa descoberta refere-se a uma nova tentativa terapêutica, agora realizada por aquele médico, em estancar a epistaxis de um dos príncipes com um rolhão que obstruía completamente as fossas nasais, colmatando o aparente insucesso anterior de outro colega:

«To the king my Lord, thy servant Arad-Nana, Hearty greetings to the king, my Lord. May Ninib and Gula grant the king, my Lord, happiness and health. Hearty greetings to the king's son.»

The treatment which we prescribe for him is to be given every two-thirds of a double hour during the day... In regard to the bleeding of his nose about which the Rab-Mugi [alto funcionário] has reported to me that yesterday toward evening there was much bleeding, those dressings are not properly applied; they have been placed upon the alve of the nose, obstructing the breathing, while at the same time the blood flows into the mouth. Let the nose be plugged up to the back so that air will be held off, and the bleeding will cease. If it please the king I will come to look at it tomorrow. Meanwhile may I hear good news.»⁶⁴

Foram também descobertas quatro placas de argila com referência a actos cirúrgicos específicos, ainda que só três sejam inteligíveis: uma refere a drenagem de pus da pleura, enquanto as outras duas mencionam intervenções na cabeça. Nalguns textos é referida a intervenção de um *mestre do escalpelo*, sugerindo alguma especialização profissional^r, pelo que somente alguns *asû* estariam habilitados e efectuar cirurgias^{65,66}.

O *Código de Hamurabi*²³ menciona operações aos olhos. Na generalidade, porém, é pouco provável que a cirurgia abrangesse intervenções complexas. As lesões traumáticas superficiais tinham tratamento conservador. As fracturas ósseas não eram reduzidas, sendo simplesmente imobilizadas por ligaduras depois da aplicação de óleos na região lesada. Além de substâncias com acção anestésica e analgésica, foram identificados diversos instrumentos e acessórios utilizados em cirurgia, designadamente: lâminas (de diversos tipos de pedra ou metal), tesouras, agulhas, bacias, fios de sutura, algodão (para tampões e ligaduras), tubos ocos de dimensões variadas (que serviam de pipetas para instilar medicamentos no olho, para inserir no conduto auditivo externo, na uretra e outras cavidades), espátulas (de madeira ou metal) para aplicação de pomadas e, também, uma espécie de colher de forças⁶⁵.

Curadores^s e prática da Medicina – Como já foi dito, o tratamento (de doenças e outras perturbações nefastas) consistia numa mistura de actuações naturalistas e super-naturalistas. Estas acções eram executadas por dois tipos de *práticos*, o *āšhipu* e o *asû*, cidadãos socialmente respeitados oriundos das classes mais instruídas^t, eventualmente organizados numa espécie de grupos profissionais¹⁸.

Os *āšhipu* (Figura 12) realizavam exorcismos; por serem clérigos estavam associados aos principais templos, em que se destacava Isin, um dos centros de culto à deusa *Gula*⁶⁷. Por seu lado, os *asû* (com estatuto equivalente a médico e que não pertenciam à classe clerical) estavam fixados na corte real mas podiam socorrer outros cidadãos. Explica-se assim que alguns textos mencionem petições ao rei para autorizar o envio de um médico para tratar de determinado indivíduo:

«To my Lord says this: thus speaks Itur-Asdu, thy servant. There is no physician, no mason. The wall is crumbling, and there is no one to rebuild it. And if a sling-stone... wounds a man, there is no single physician. If it pleases my lord, may my lord send me a physician and a mason.»⁶⁸

Os médicos ao serviço da corte imperial da Assíria (à semelhança de outros altos funcionários) tinham de prestar juramento de fidelidade²⁵ mas desfrutavam da liberdade de prescrição²⁷. Embora existissem nos templos bibliotecas com textos médicos, permanece por esclarecer o tipo de formação médica aí ministrada, talvez porque, tal como para os *āšhipu*, a actividade clínica fosse uma tradição familiar, transmitida de pais para filhos segundo um formato próprio e organizado. Não se exclui a existência de uma avaliação final por um dignitário superior da classe, que atestasse a competência dos candidatos antes de estes poderem exercer⁶⁹. Também é admissível que a formação médica ocorresse em escolas próprias. Uma das placas

r. O termo *mestre*, também incluído na designação de *ummānu*, definia uma classe social representada por indivíduos com competência profissional reconhecida em determinado assunto ou «ciência» daquela época. Os Acadianos diferenciavam diversas categorias na mesma área, designadamente: aprendizes, praticantes e mestres. Quanto à medicina, além de alguns *asû* serem mestres em cirurgia, também foram descobertos textos que citavam outros, p.ex., como mestres em *doenças do coração*. Ainda que a maior parte da *ciência* da Antiga Mesopotâmia fosse dominada por assuntos não racionalistas que, actualmente, seriam entendidos como *pseudo-ciência*, representava o mais elevado nível do conhecimento e competência então existentes; sobretudo, os seus peritos eram respeitados pela sua sabedoria, que prevalecia sobre os estudos, técnica e práticas exercidas. Tal atitude devia-se a que os antigos Mesopotâmicos acreditavam profundamente no sobrenatural, pelo que toda a sua vivência visava essencialmente a identificação dos aspectos que evitassem o desgosto dos entes ou representações sobrenaturais e fossem ao encontro do seu apaziguamento. Somente poucos indivíduos, representativos da classe mencionada, possuíam a sabedoria para interpretar e solucionar aqueles problemas sobrenaturais. Comparativamente, os académicos e peritos contemporâneos têm conhecimento e capacidades muito mais avançados mas poderão não usufruir do respeito social nem serem valorizados pela sabedoria como as exercem.

s. Utiliza-se este termo, em lugar de *curandeiro*, porque nos parece enfatizar melhor os que, por profissão efectiva, tratavam doentes, ainda que com métodos nem sempre racionais.

t. Ambos os tipos referidos pertenciam a um grupo restrito da população *académica*, uma com características clericais e outra mais profana.



Fig. 12 – Estela em pedra (cerca de 4m de altura X 2,5 m de largura X 1,5 m de espessura) identificada no templo de Marduk, na Babilónia (cerca de 900-800 a.C.). Representa a homenagem a um clérigo (à esquerda) pelo seu filho, também sacerdote, como indicam as cabeças rapadas. Na imagem são ainda identificados três símbolos, cada qual correspondendo a uma divindade (um disco solar, a lua em quarto crescente e a uma clava com a cabeça de leão moldada numa das extremidades).

Cortesia: ©Trustees of the British Museum

com inscrições médicas, descoberta em Borsippa, nos subúrbios de Babilónia, revelou a existência de uma universidade famosa na época, associada a um templo com biblioteca, onde se estudava principalmente medicina⁷⁰.

Ambas as classes de curadores (que, na generalidade, pertenciam ao sexo masculino, ainda que houvesse referência a algumas mulheres) obrigavam-se a comportamento discreto e ética profissional, estavam organizados em categorias, subordinados um chefe (*rabi*), e usavam indumentária própria¹⁷. A actividade profissional dos *āšhipu* e *asû* não estava sujeita a quaisquer normas legais, mesmo que dela resultassem danos ou a morte dos doen-

tes. Os *asû* recebiam dinheiro^u de quem pudesse pagar os seus serviços. Porém, no caso de intervenções cirúrgicas que tivessem provocado lesões irremediáveis ou a morte do paciente, caíam sob a alçada do *Código de Hamurabi*, sendo sujeitos a pesadas penas e condenações, tanto maiores quanto mais elevada fosse a categoria social do doente, como se indica nos seguintes artigos²³:

«215. If a physician make a large incision with an operating knife and cure it, or if he open a tumor (over the eye) with an operating knife, and saves the eye, he shall receive ten shekels in money.

216. If the patient be a freed man, he receives five shekels.

217. If he be the slave of someone, his owner shall give the physician two shekels.

218. If a physician make a large incision with the operating knife, and kill him, or open a tumor with the operating knife, and cut out the eye, his hands shall be cut off.

219. If a physician make a large incision in the slave of a freed man, and kill him, he shall replace the slave with another slave.

220. If he had opened a tumor with the operating knife, and put out his eye, he shall pay half his value.

221. If a physician heals the broken bone or diseased soft part of a man, the patient shall pay the physician five shekels in money.

222. If he were a freed man he shall pay three shekels.

223. If he were a slave his owner shall pay the physician two shekels.»

Enquanto os *āšhipu* tinham por objectivo principal averiguar a etiologia da doença, os *asû* aliviavam a sintomatologia¹⁸.

Por conseguinte, os *āšhipu* (ou *āšipu*) eram exorcistas especializados em procedimentos mágicos, que actuavam como interlocutores dos deuses e outros espíritos; em seu nome, interpretavam a origem das doenças individuais e outras calamidades mais vastas; através da divinação, feitiços, conjuros ou esconjuros, utilizando amuletos e outros rituais mágicos, procuravam anular as forças sobrenaturais (Figuras 8,9,11 e 14). Pelo exorcismo, cada *āšhipu* purificava o doente das origens do seu mal, reintegrando-o na sociedade. O *āšhipu* usava vestes vermelhas e, decerto para provocar maior efeito psicológico durante a sua actuação ritual, utilizava uma máscara representativa de um animal (p.ex., de leão ou águia)^{25,67}.

Por seu lado, cabia ao *asû* resolver cada situação atra-

u. O pagamento dos cuidados prestados era muito elevado: 10 shekels equivaliam a 85 gramas de prata, representando o ganho usufruído por um carpinteiro durante 450 dias de trabalho, enquanto 20 shekels eram o preço de um escravo adulto.

vés de prescrições tradicionais, com base em extractos, partes ou produtos de plantas, especiarias, resinas e outras substâncias naturais (administradas em poções, unguentos, clisteres, banhos, massagens, ligaduras, emplastros ou gessos), além de tratar fracturas e feridas, drenar abcessos e executar também algumas intervenções cirúrgicas^{6,25}. O *asû* distinguia-se da restante população pelas vestes, pelo crânio rapado (como os sacerdotes) e por não usar barba. Consigo transportava um saco (*tabalku*) onde trazia instrumentos, ligaduras, ervas e outras medicações. Orientava a sua prática por uma literatura técnica (*asûtu*) que, na generalidade, compreendia um conjunto de receitas estereotipadas. Utilizava canas ou palhetas para soprar medicamentos nos ouvidos e narinas, ou para o doente inalar as drogas vaporizadas. Também transportava tubos e sondas de metal (cobre ou bronze) para a administração de substâncias na uretra e bexiga, para algalhar os doentes, ou para soprar medicamentos no recto ou administrar clisteres. As espátulas (de metal) serviam para aplicar unguentos nos olhos e pestanas, utilizava agulhas para suturar e facas de diversos tipos para intervenções cirúrgicas. O *asû* era especializado em medicina farmacêutica, baseada em medicamentos elaborados com diversas plantas e minerais, como indica a seguinte carta descoberta nas ruínas de Mari⁷¹:

«*Say to Yasmakh-Addu (Yasmakh-Adad), thus (speaks) Ishme-Dagan, your brother: The plants that your physician sent me are excellent. If there is a simmum illness, that plant cures it immediately. I have just sent Shamshi-Addutukulti, the young physician, to you so that he can examine that plant. Send him back to me.*»

Os doentes eram habitualmente assistidos na sua casa, com a indispensável participação dos familiares e frequentes visitas dos curadores. Como se disse antes, o *āšhipu* começava por observar os presságios (encontros com animais, pessoas ou toda a espécie de sinais) durante a sua deslocação até à casa do doente e depois, no interior desta, procurava identificar o espírito, demónio ou deus que seria responsável pela doença (o que é indicado nos textos pela expressão *A mão do deus...*) e os seus motivos. Antes de se aproximar do doente, o *āšhipu* proferia um encantamento auto-protector, na crença de que seria evitado que a causa da doença passasse para si próprio. Seguia-se a observação cuidadosa do doente (da cabeça para os pés) enquanto se informava sobre a duração da doença, dieta e temperatura. O diagnóstico baseava-se na sintomatologia, naquela observação directa e na adivinhação, de que também dependeria o prognóstico. Os textos diagnósticos seriam utilizados especialmente pelos *āšhipu*, não pelo seu conteúdo médico mas como orientação para

as invocações rituais adequadas a cada situação. O principal objectivo do tratamento era o de afastar e apaziguar o espírito causador da situação, pelo que procedia a uma intervenção mágico-religiosa com exorcismos apropriados a cada doença. Se aquela actuação não fosse bem sucedida ou requeresse uma terapêutica física adicional, intervinha o *asû* (excepto em cinco dos dias do mês, considerados de azar)³⁰.

Com base nos sintomas e exame objectivo do doente, que incluía a observação do pulso e da temperatura, o *asû* estabelecia o diagnóstico e prescrevia o tratamento apropriado, que poderia incluir a administração de medicamentos ou poções, fumigações, inalações, instilações, a aplicação de ligaduras, tampões, lavagem, massagem, a execução de cauterizações, cateterizações (da uretra e rectais), regularização de fracturas e outras actuações cirúrgicas.

Em geral, o *āšhipu* e o *asû* actuavam em conjunto, talvez por os doentes recorrerem a ambos simultaneamente ou, o que parece mais provável, por se completarem naturalmente naquelas tarefas. Todavia, havia alguma sobreposição nos respectivos desempenhos, podendo o *asû* completar os seus tratamentos com algum feitiço, enquanto o *āšhipu* concluía os rituais mágicos com a prescrição de uma droga^{66,67}. Aquele tipo de prática não exclui, contudo, intervenções com algum raciocínio *científico*, como referia a carta em que Nabû-nāsir (que era um exorcista e não médico) relacionava a neuralgia (localizada na cabeça, mãos e pés) de que sofria um doente com os seus dentes deteriorados⁷².

No poema Babilónico de autor anónimo (referido entre 1400-700 a.C.) em que a deusa *Gula* (Figura 13), invocada pelo rabi Bullutsa, auto-proclama os seus predicados, são evidenciados alguns dos cuidados de saúde que eram então disponibilizados pelos *asû*⁷³:

«*I am the physician, I can save life,
I carry every herb, I banish illness.
I gird on the sack with life-giving incantations,
I carry the texts which make (one) well.
I give health to mankind.
(My) clean dressing salves the wound,
(My) soft bandage relieves the pain.
At my examination, the moribund revives,
At a word from me, the feeble one arises.
I am merciful, [I am] kindly
The mighty man*»

A colaboração entre aquelas duas classes de curadores foi patenteada pela descoberta de correspondência entre Esharhaddon (rei Assírio do século VII a.C.) e os seus



Fig. 13 – Sinete de gravação (Dinastia Neo-Babilónica, cerca de 700-550 a.C.) com formato piramidal, com as seguintes dimensões: 2,5 cm de altura X 1,9 cm de largura X 1,2 cm de espessura). Apresenta numa das faces a imagem de um cão sentado (que simbolizava a deusa Gula, invocada para a cura de doenças) e uma inscrição: **Eu acredito na minha Senhora; deixe-me então viver.** Na outra face existe a representação de uma personagem heróica, com barba, que segura uma avestruz (espécie rara na região).

Cortesia: ©Trustees of the British Museum

curadores. Esarhaddon era um homem doente, em constante sofrimento, de que resultava uma continuada depressão e a paranóia de ser alvo de ameaças de morte por parte dos que o rodeavam. Cerca de 40% das cartas referidas aquele período abordam assuntos médicos e exorcismos, em grande parte relativas a Esarhaddon, o que confirma a debilidade da sua saúde.

No seguimento de uma pergunta do rei ao *asû* Urad-Nanaya (eventualmente um destacado membro da classe) sobre a natureza do seu mal, este respondeu-lhe que a desconhecia mas adiantou alguns remédios, amuletos e instruções para aplicação nas crises⁷⁴:

«To the king, my lord: your servant Urad-Nanaya. The very best of health to the king, my lord! May Ninurta and Gula give happiness and physical well-being to the king, my lord! The king, my lord, keeps on saying to me: Why do you not diagnose the nature of this illness of mine and bring about its cure?»

Formerly I spoke to the king at the audience and could not clarify his symptoms. Now I am sealing and sending a letter; it should be read to the king, to inform the king, my lord. If it suits the king, my lord, let the haruspices perform an extispicy on account of this.

Let the king apply this lotion (sent with the letter), and perhaps this fever will leave the king, my lord. I have prepared this lotion of oil for the king, my lord, (already

2 or 3 times — the king knows it. If the king prefers, he may apply it tom [orrow]. It will remove the illness.

When they bring the Silbānu-medication to the king, let them draw the curtain as they have done once and twice (before); I will enter and give instructions. Perhaps the king will sweat.

In a bag, I am sending certain phylacteries to the king, my lord. The king should put them around his neck. I am also sending a salve. The king should anoint himself on the day of [his] (acute) period (of illness).»

Porém, como a sintomatologia reumatológica continuava a apoquentá-lo, o rei insistiu junto de outro médico (Arad-Nanâ). É interessante notar a perspicácia deste *asû*, quando afirma que a doença não é local mas sistémica, pelo que ao prescrever as pomadas não promete a cura mas, somente, o alívio da sintomatologia⁷⁵:

«The king my Lord continues to declare ‘the state of this sickness of mine thou dost not recognize, thou dost not bring about a cure.’ Now I confess that hitherto I did not understand this rheumatism, but now I seal this letter to send it to the king my Lord. Let it be read to the king my Lord and properly understood. When it reaches the king my Lord let a physician... carry out the accompanying directions. Let the king apply this liniment. If the king does this, soon this fever will leave the king my Lord. A second and a third time this oil liniment should

be applied to the king my Lord. The king must see to this. If it pleases the king let it be done in the morning. This disease is in the blood. Let them bring the king a silbani, as was twice done already, and let it be vigorously done. I shall come to inform myself, and as soon as the perspiration flows freely from the king, my Lord, I will send to the king, my Lord, something to apply to the king's neck. With a salve which I shall send the king let the king be rubbed at the appointed time.»

Decerto insatisfeito com a receita, Esarhaddon recorreu ao seu *āšhipu*, Adad-šumu-usur, queixando-se de incapacidade motora dos membros superiores e inferiores, de não conseguir abrir os olhos, de estar coberto com unguentos e de ter tanta febre que os ossos lhe doíam. O *āšhipu* sossegou-o quanto à origem do mal, alegando que não havendo sinal de qualquer pecado por ele cometido, os deuses iriam trazer-lhe a cura⁷⁶:

«As to what the king, my lord, said: «My arms and legs are without strength!» and «I cannot open my eyes; I am scratched and lay prostrate» (all) that is because this fever has lingered inside the very bones. It is not serious — Aššur, Šamaš, Bel and Nabû will provide health. His illness will depart — he will be just fine. True, they should wait and eat (only) what is appropriate.»

Noutras ocasiões foram-lhe receitadas prescrições para a inflamação dos olhos e para uma erupção da pele:

«Concerning the inflammation of the eyes about which the king, my lord, [said: «If only it could] be cured!» — I will come [tomorrow to the k]ing, my lord⁷⁷.

«...the king should anoint himself with bird fat; it should protect the king from drafts. The clean water with which the king regularly washes his hands in the wash-bowl should not be hot. The rash will soon be gone (if the king acts in this way).»⁷⁸

Foram também descobertas outras prescrições médicas para tratamento de uma otite purulenta de uma criança e outros membros da família real:

«The baby is much better. I fastened an absorptive dressing on this abscess behind his ear; it rested loosely against its tip. Yesterday evening I opened the lint by which it was attached and removed the dressing on it. There was pus as much as the tip of (one's) little finger on the dressing.»⁷⁹

«(The prince) [E]tlu-šamê-eršeti-muballissu is doing very well. As to the tampons [of mar]takal-[seed] about which [the king], my lord, wrote to me, [those which] are (intended) to stop nasal hemorrhage are prepared [as follo]ws: They cru]sh it, [mix] it with cedar resin, [wra]p (the mixture) in red wool, and [reci]te an incantation [over it] and insert (the tampons) [in the

nostrils]. They recite [an incantation ove]r it and insert it [in the nostril]. They wrap [...] dust from crossroads [.....] and very [..... in a tuft] of wool, and [reci]te [an incantation over it. They take] martakal-seed and [...] which are not crushed, [...] as it is, recite [an incantation] over it, wrap [it in a t]uft of wool and insert it [in the opening of the n]ostril. They should act according to the prescription I have sent.»⁸⁰

«The crown prince is doing very well. As I visited the crown prince, the crown prince told me: All my flesh has become well. The king, my lord, can be [glad]. Subsequently I am sending off (an assortment of) drugs for fumigation. The kanaktu and nikiptu oil which I dispatched should be first dripped [into the ear], [thereafter] let them do the fumig[ation]. As soon as they have fumi[gated], they should repeat (the procedure), drip [the rest of the oil] upo[n (a tuft of) red wool and insert it] into the ear. [It is] very [efficien]t.»⁸¹

«Concerning the bile which he purged upwards and which settled downwards, in the whole medical literature it is said as follows: If he purges through his mouth and his anus, he will get well.»⁸²

A carta seguinte antecipa um drama humano que continua a ser comum, quase três mil anos depois. Nessa carta⁸³ transparece o desespero do sucessor de Esarhaddon (o seu filho Assurbanipal II), que se prontificava a dar metade do reino a quem lhe curasse o filho, assim como a tristeza manifestada pelo exorcista da corte, Adad-šumu-usur, impotente para o fazer:

«[To the king, my lord: your servant Adad-šumu-ušur. Good health to the king, my lord!] May [Nabû and Marduk bless the king], my lord! As to what the king, my lord, wrote to me: 'I am feeling very sad; how did we act that I have become so depressed for this little one of mine?' — had it been curable, you would have given away half of your kingdom to have it cured! But what can we do? O king, my lord, it is something that cannot be done.»

Numa das muitas placas de argila do século VII a.C. descobertas em Nippur, atribuídas ao reinado de Esarhaddon e de Assurbanipal II, incluíam-se o que parece serem relatórios redigidos por Muballit, médico da corte, sobre o estado clínico de diversos doentes, aparentemente retidos num determinado lugar (enfermaria, colégio?), e a terapêutica que lhes estava a ser administrada⁸⁴:

«The patient whose chest is sick was prescribed a dressing, and is kept bandaged; he is also taking a potion against tracheitis. And the other one whose chest [...] ...; when I assigned a poultice for him, no ašû herb was available. And my lord knows that if only a single herb is missing, it will not succeed. I asked the mayor to send

word to a gardener, and [. . .]. The daughter of Muštālu who was coughing but not spitting out has started to expectorate after I gave her [appropriate] potions; but [...] now she is constipated. I gave her a potion for constipation to drink, and she is taking it, (but) there is no šarmadu herb and drawn wine available. Let my lord send (some) so that I can have her drink, lest she develop «Hand of Curse». The princess who had repeated attacks of fever has now calmed thanks to the dressing and potion. As to the herbs of which I spoke to my lord, let my lord not forget about them.)»

Entre as diversas normas relativas a ética profissional, era reconhecido o direito a não prestar tratamento a doentes incuráveis⁸⁵:

«When a man has akkhazu, his head, his face, his whole body and even the root of his tongue is affected, the physicians should not treat him [literally, 'should not bring his hand to him'], that man will die, he cannot recover.»

Por outro lado os doentes impossibilitados de trabalhar ficavam dispensados do serviço, por atestado médico, até à sua recuperação, devendo os médicos emitir relatórios pormenorizados sobre cada uma daquelas situações, a serem apresentados às autoridades administrativas²⁵. De acordo com o estipulado no *Código de Hamurabi*, o aborto era considerado crime perante o Estado e a Sociedade^{23,26}.

Farmacopeia e instrumentos de actuação médica

– Sabe-se que os extractos de plantas e resinas usados em ligaduras e gessos, pelas características antissépticas e/ou antibióticas que se lhes reconhece, teriam perfeita validade no tratamento de feridas. Também alguns daqueles remédios de ervas produziam efeitos reconhecidos como eméticos, purgantes e expectorantes^v, embora outros não fossem mais que placebos, todavia psicologicamente úteis para a ansiedade. Das pesquisas realizadas concluiu-se que as prescrições mais utilizadas utilizavam cerca de 250 plantas com acção medicinal, 120 substâncias minerais e mais 180 outras drogas, sem contar com solventes e outros aditivos. As listas incluíam ainda, além da situação a que se destinavam, o modo de administração e, por vezes, a proveniência do remédio. É interessante referir que as prescrições dos *asû* eram redigidas na vertical das placas de argila, enquanto os ditames dos *āšhipu* tinham disposição horizontal²⁶.

Somente algumas das drogas que constituíam a farmacopeia Babilónica utilizada puderam ser identificadas, sen-

do as restantes desconhecidas por utilizarem termos analógicos ou estarem imbuídas de significado metafísico, como no seguinte exemplo⁸⁶:

«If the accident of a blow on his mouth has fallen [upon him], thou shalt scoop out the right eye of an arsuppufish, and the left eye of a puradu-fish; thou shalt put them in salt for three days, (then) take them out, and thou shalt [apply] the right eye of the arsuppu to the right side, the left eye of the puradu to the left side: with their eyes thou shalt take asa foetida, liquidambar, (and) fennel, on the wool of a virgin ewe-lamb (and) the hair of a virgin kid thou shalt thread; the wool of the virgin ewe-lamb and the hair of the virgin kid thou shalt twist, put on his neck, and he shall recover.»

A farmacopeia dos Assírios incluía drogas com acção analgésica e psicoactiva, tais como a beladona, a marijuana e a mandrágora. Quer os Babilónicos quer os Assírios incluíam nas suas listas de remédios substâncias com cheiro e ou sabor desagradáveis, com o já referido efeito duplo: além da componente terapêutica para melhorar o doente, também se destinavam a desagradar aos demónios, afugentando-os daquele²⁶.

O modo como determinado medicamento era aplicado variava com a estação do ano: no Verão era administrado numa espécie de sumo frio, enquanto no Inverno era incluído em água quente. A observação médica, a aplicação de determinado medicamento ou sangria, ou a ingestão de determinados alimentos por um doente tinham em conta os dias bons e maus de cada mês. No fundo, aquelas normas baseavam-se num sistema complexo de procedimentos mágicos, sustentados pela ideia de que o movimento das estrelas influenciava o destino e todos os acontecimentos humanos^{w,42,47}.

Na realidade, a terapêutica assentava principalmente em remédios medicinais e feitiços, em que estes actuavam por efeito psíquico. Há, no entanto, provas de uma evolução empírica dos conhecimentos, de que resultaram outros processos de tratamento. A recomendação de posições relaxantes e massagens para alívio de dores, a utilização de clisteres (com água quente ou fria, com óleo ou mel) com finalidades emolientes e anti-inflamatórias a nível do intestino^x, a aplicação de pomadas e de água (quente ou fria) em diferentes partes afectadas do corpo, o recurso a dietas adequadas a indisposições gastrointestinais são, indiscutivelmente, medidas racionais demonstrativas de uma prática médica mais científica na Mesopotâmia An-

v. Alguns dos produtos da farmacopeia Mesopotâmica continuam a ser indicados e comercializados pelos ervanários contemporâneos para situações idênticas.

w. Muitas das prescrições identificadas do Talmud Babilónico, do século III a.C., provêm de textos médicos antigos da Acádia e Babilónia.

x. A mistura utilizada era também ingerida e poderia ser, igualmente, espargida sobre o doente, neste caso com intuítos mágicos.

tiga²⁶. É de referir ainda que os Assírios (e, depois, também os Gregos) adormeciam os doentes ao comprime-los rapidamente as carótidas. Há ainda indicação de que sangria foi utilizada na Babilónia em finais do último milénio a.C., embora tivesse origem na medicina Grega, que desenvolvera a sua utilização terapêutica⁸⁸.

Da hepatoscopia às primeiras observações anatómicas – Os doentes poderiam ainda recorrer à intervenção dos deuses que interviriam na saúde, procurando para tal os locais junto aos rios (na crença de que o fluxo das águas arrastasse os espíritos malignos, e também para estarem sob a protecção de *Ea*, deus da água^y) ou em templos dedicados, p. ex., a *Gula* e *Nibid* (que teriam poderes curativos) ou a *Ninazu* (patrono dos curadores)^z. Cabia aos sacerdotes (*bârû* ou *haruspex*) daqueles templos invocar os deuses e descobrir os seus propósitos por diversos meios ao seu alcance, designadamente através da astrologia, pelo estudo de números e formas geométricas, pela observação directa das vísceras ou fígado (hepatoscopia) de um carneiro sacrificado para o efeito, ou pela análise da conformação de uma gota de azeite em água⁴⁴. Nos arquivos de Mari constava uma referência à informação inscrita nos intestinos de um cordeiro sacrificado para o efeito⁸⁹:

«*To slaughter and dissect a lamb in order to obtain the information inscribed on its intestines...*»

Na realidade o sistema da adivinhação incluía três métodos principais. O primeiro (e mais antigo) consistia na inspecção dos órgãos de animais sacrificados expressamente para esse efeito. O segundo método, claramente mais incidente na identificação de sinais de saúde e doença, baseava-se na observação de humanos e animais recém-nascidos. O terceiro método recorria à astrologia²⁶.

Conforme as crenças da época, ao ser oferecido um animal de sacrificio a determinada divindade, esta, ao aceitá-lo, identificava-se e fundia a sua alma ou espírito com a daquele animal. Assim o exame das vísceras (Figuras 14 e 15), ao evidenciar a unicidade das almas de vítima e divindade, revelava a disposição e vontade (favorável ou desfavorável) desta relativamente ao augúrio pretendido²⁶. Os actos divinatórios, pela observação das entranhas de animais (particularmente, carneiros), iniciadas na Mesopotâmia e depois seguidas por Hebreus, Egípcios, Etruscos, Gregos e Romanos, terão contribuído para os primeiros conhecimen-

tos anatómicos. Adicionalmente, os *asû* tiveram de tratar indivíduos feridos ou esventrados por animais ou em guerras, de que resultaram algumas noções da anatomia humana.

Para os sacerdotes de Babilónia, o fígado (Figura 15), pela enorme quantidade de sangue que vertia durante o sacrificio dos animais, seria também o local de origem daquele líquido orgânico (tido como um princípio vital) e, por consequência, a sede da vida, centro da alma humana, da afectividade e da energia⁹⁰. Daí o fígado ser merecedor de grande atenção pela hepatoscopia, sendo evocado em hinos por aqueles povos e, ainda, na Idade Média. Eram atentamente observadas as peculiaridades de cada fígado (tais como, as dimensões, volume e forma dos lobos, eventuais perfurações da superfície) da vesícula (p. ex., forma, cor, posicionamento e aspecto da vesícula, cheia ou vazia) e respectivos canais. Especificando o exame da vesícula, p. ex., se esta fosse grande e estivesse cheia indicaria um aumento do poder do sujeito que solicitara o exame; pelo contrário, se a vesícula estivesse vazia ou fosse pequena haveria declínio e maior fraqueza de poderio (individual ou colectivo). Do mesmo modo, se o colédoco fosse comprimido era um bom sinal, sendo um sinal funesto se fosse curto. Admite-se que a observação e interpretação do significado da superfície hepática tenham sido posteriormente transpostas para a quiromancia, em que o aspecto das linhas da mão é relacionado com diversos eventos da vida dos interessados. O mesmo sistema de adivinhação parece ter sido adoptado, na época, também pela Índia e China, entre outras regiões mais remotas. Os modelos de fígado para hepatoscopia descobertos num antigo núcleo populacional Hitita e perto da actual cidade de Piacenza, em Itália (antigo centro Etrusco) sobrepõem-se aos da Antiga Babilónia, o que comprova a profunda influência que a superstição, a par da astrologia e de outras fórmulas de adivinhação cultivadas pela civilização Babilónica-Assíria, exerceram desde então naquelas regiões.

A «ciência» da adivinhação de acontecimentos pelo exame de vísceras de animais sacrificados era, em si, guardada cuidadosamente pelos seus praticantes, sendo o secretismo assegurado pela transmissão exclusiva de pais para filhos; qualquer desvio desta norma era sacrílego, excepto quando abrangia a família real.

Por seu lado, o estômago era o centro da coragem^{aa}, o útero era o centro da bondade e os rins a origem da força física^{26,66}.

y. A passagem de um doente pela água simbolizaria a sua libertação do que o afectava.

z. *Ningishzida*, filho de *Ninazu*, era simbolizado por uma serpente de duas cabeças, que terá estado na origem do tradicional símbolo da Medicina.

aa. De que resultará ainda hoje a expressão *ter estômago* (ou *have guts*, dito anglo-saxónico) quando se trata de executar ou suportar qualquer acontecimento desagradável ou que requer coragem.

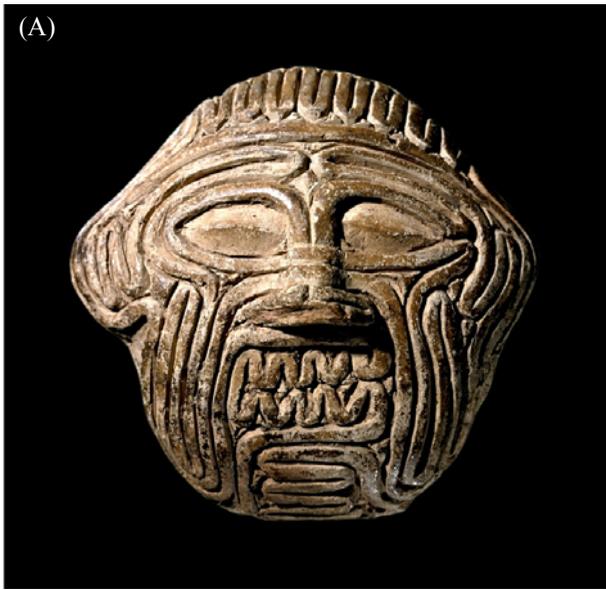


Fig. 14 – Vaticinações e presságios. (A) Máscara do demônio Huwawa descoberta do sul do Iraque actual (com as dimensões aproximadas de 8,4 cm de altura X 8,3 cm de largura), referida a cerca de 1800-1600 a.C. A máscara representa os intestinos enrolados, formando uma linha contínua que serviria para adivinhação e definição de determinado presságio. No reverso, em escrita cuneiforme, é apresentada o significado mitológico da máscara de Huwawa, que seria o guardião da Floresta de Cedros e um dos obstáculos que, no *Épico de Gilgamesh*, este rei de Ur e o seu amigo humanóide (Enkidu) haviam vencido. (B) Placa de argila da Antiga Babilónia (cerca de 1900-1600 a.C.) com 16,68 cm de comprimento por 12,06 cm de largura), que discrimina os presságios colhidos pelo exame de um estômago de carneiro. Cada linha refere um presságio, começando pelo que se observa e, de seguida, a sua ilação.

Cortesia: ©Trustees of the British Museum.

A inspecção dos recém-nascidos pelos *bârû* possibilitava o despiste precoce de malformações e deformidades congénitas, e de outras características morfológicas peculiares^{bb}. Quanto mais exuberante fosse a anomalia mais explícito seria o sinal expresso pelos deuses indicando um acontecimento inusitado, à semelhança do estipulado para a hepatoscopia^{cc}. Pelo estudo da fisionomia pretendiam ler o carácter e destino do indivíduo visado^{dd}. Entre os textos

com presságios aos recém-nascidos descobertos na biblioteca de Assurbanipal foi revelada uma extensa e pormenorizada nomenclatura anatómica e fisiológica²⁶. Adicionalmente, era atribuído grande significado ao dia e hora do nascimento, por representar uma fase de transição de uma forma de vida (fetal) para outra, e por representar o mistério da sua geração a partir de outro ser da mesma espécie^{29,ee}.

Finalmente, a astrologia (conjugando o dia do mês com a leitura dos astros) deduzia a interferência que os deuses exerceriam sobre os acontecimentos terrestres (p. ex., boas ou más expectativas para colheitas, campanhas militares e outros eventos) e sobre o decurso e evolução de uma doença.

bb. A designação das malformações (*monstra, monstrum*) em humanos e animais, com o significado de *sinais*, resultante da observação dos recém-nascidos e da proferição de presságios relacionados que se difundiram da Ásia Menor para Ocidente, parece estar na origem da disseminação do termo e da crença em monstros nos milénios seguintes. O monstro consistia num sinal de vontade ou intenção de uma divindade, a ser definido pela interpretação dos *bârû*. Também o termo comum *mostrar*, que significa, p. ex., *apontar, indicar (sinais), sinalizar*, terá a mesma origem etimológica.

cc. Um órgão ou parte do corpo anormalmente grande ou sinais expressos do lado direito eram sinais favoráveis, indiciadores de futuro poder e sucesso, enquanto sinais do lado esquerdo e morfologias diminutas indicavam uma previsão desfavorável, em que a fraqueza e insucesso seriam expectáveis.

dd. Esta interpretação adquiriu crescente popularidade ao longo dos milénios, sendo ainda apreciada por alguns sectores da sociedade contemporânea.

ee. Além dos rituais do nascimento, eram expressivamente celebradas outras três fases da vida de cada indivíduo: puberdade, casamento e funeral. Do mesmo modo, as principais cerimónias religiosas eram promovidas também em períodos de transição (nos equinócios da Primavera e Outono e nos solstícios de Verão e Inverno).



Fig. 15 – Modelo em argila de um fígado de carneiro (com as dimensões de 14,6 cm em altura e largura e cerca de 10cm de espessura) utilizado na Antiga Babilónia (cerca de 1900-1600 a.C.) para instrução de aprendizes de hepatoscopia. Cada parte, com um orifício central, inclui inscrições em escrita cuneiforme com questões e interpretações possíveis, ou consequências divinatórias, de uma alteração morfológica observada naquele sector. Note-se que o diagrama explicita os principais componentes anatómicos hepato-biliares (lobos e dois apêndices hepáticos, vesícula, canal hepático, depressão interlobar). Adicionalmente, revela um conhecimento pormenorizado sobre as diferentes partes do fígado (apoiado em terminologia específica) e um conjunto de sinais patológicos próprios de doenças tropicais e subtropicais que afectavam frequentemente os carneiros da região. É admissível que a hepatoscopia tenha fundamentado o início da extrapolação dos conhecimentos observados em animais para o homem, em que se baseia também a medicina contemporânea
Cortesia: ©Trustees of the British Museum

Pelo exposto, poderá concluir-se que a medicina Babilónica-Assíria assentava em três vertentes conjugadas: A adivinhação, o tratamento médico e o exorcismo^{26,ff}. Apesar do cuidado revelado na observação dos doentes e de terem sido identificadas diversas situações patológicas comuns, a compreensão desses factos assim como a da anatomia humana era limitada. O mesmo termo poderia significar órgãos ou doenças diferentes. Por exemplo, a palavra utilizada para o coração (considerado a sede do intelecto, do espírito e dos afectos) também se aplicava a qualquer outro órgão abdominal^{12,26}. Uma das justificações apontadas para aquela imprecisão foi a de não haver autópsias, decerto por impedimento religioso⁴². Entretanto, não são conhecidas provas de que a circulação do sangue fosse conhecida^{42,87}.

A popularidade e prestígio que a medicina Mesopotâmica granjeou junto de outras comunidades foram confirmados por alguns relatos. Por exemplo, não obstante a medicina Egípcia ser mais a evoluída na época, é sabido que o faraó Amenophis III foi tratado por um *asû* enviado pelo soberano da Babilónia. Ainda no século XIII a.C. outros médicos foram destacados, com a idêntica finalidade, para a corte de monarcas Hititas.

Progressivamente, muitas das práticas médicas desenvolvidas na Mesopotâmia viriam a extinguir-se antes do fim do primeiro milénio a.C. Embora existam algumas semelhanças entre os conhecimentos médicos do período final da Babilónia-Assíria com os da Grécia Antiga, quer a medicina racional Hipocrática quer, depois, a Greco-Romana, foram essencialmente determinadas pelo Antigo Egipto⁶⁹. Em contrapartida, a Medicina Mesopotâmica influenciou profundamente, através do Talmud e dos muitos judeus que residiam no território e na Palestina, os costumes médicos Hebraicos, em particular até ao século VI d.C.⁸⁸. O mesmo decerto ocorreu com a Medicina Árabe. Deste modo, parece explicar-se que um relevante conjunto de usos, costumes e práticas tradicionais tenham atravessado os milénios até quase aos nossos dias, através das heranças culturais e religiosas Judaico-Cristã e Árabe.

Conflito de interesses:

O autor declara não ter nenhum conflito de interesses relativamente ao presente artigo.

Fontes de financiamento:

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

44. JASTROW M: Aspects of Religious Belief and Practice in Babylonia and Assyria. In: (American Lectures on the History of Religions – ninth series, 1910. New York and London: G. P. Putnam's Sons 1911
45. FOSTER BR: The poem of the righteous sufferer, I 41-6, p.487. In: The Context of Scripture. Canonical Compositions from the Biblical World, Hallo WW(ed). New York-Koln: Brill 1997
46. JASTROW M: Op cit 1914;p22
47. CAMPBELL THOMPSON R: Op cit 1924;p23
48. CAMPBELL THOMPSON R: Ibid p31
49. CAMPBELL THOMPSON R: Ibid p15
50. CAMPBELL THOMPSON R: Ibid p9
51. CAMPBELL THOMPSON R: Assyrian prescriptions for the head. Am J Sem Lang Lit 1937;54:12-40(p26)

ff. É admissível que a difusão daqueles métodos pela Ásia, Norte de África e Europa tenha sido particularmente favorecida pelos exércitos de Alexandre da Macedónia e, de seguida, pelas legiões Romanas.

52. CAMPBELL THOMPSON R: Assyrian Prescriptions for Treating Bruises or Swellings. *Amer J Semi Lang and Lit* 1930;47:1-25 (p2)
53. CAMPBELL THOMPSON R: *Ibid* p25
54. CAMPBELL THOMPSON R: *Op cit* 1929;p72
55. CAMPBELL THOMPSON R: *Ibid* 1929;p56
56. JASTROW M: *Op cit* 1914;p143
57. JASTROW M: *Ibid* pp143-4
58. JASTROW M: *Ibid* p145
59. JASTROW M: *Ibid* pp145-6
60. CAMPBELL THOMPSON R: *Op cit* 1924;p12
61. NEUFELD E: The earliest document of a case of contagious disease in Mesopotamia (Mari tablet ARM X, 129). *J Ass Near East St* 1986;18:53-66
62. FARBER W: How to marry a disease: epidemics, contagion and a magic ritual against the Hand of the Ghost. In: *Magic and Rationality in Ancient Near Eastern and Graeco-Roman Medicine*, Horstmanshoff HFJ, Stol M, Tilburg C (Eds). Leiden: Brill 2004;pp117-132.
63. NEUFELD E: *Op cit* pp54-5
64. JASTROW M: *Op cit* 1914;p149
65. ADAMSON PB: Surgery in Ancient Mesopotamia. *Med Hist* 1991;35:428-435
66. BIGGS RD: Medicine, surgery, and public health in Ancient Mesopotamia. *J Assyr Acad Studies* 2005;19:1-19
67. BIGGS RD: Medicine in ancient Mesopotamia. *Hist Science* 1969;8:94-105
68. MAJNO G: *The Asu, in Healing Hand, Man and Wound in the Ancient World*. Boston: Harvard Press 1975;pp29-68. (ver Paulisian *Op cit* p10)
69. SINGER HE: *A History of Medicine*. (Vol 1 – Primitive and Archaic Medicine). New York: Oxford University Press 1955
70. SAYCE AH: *Babylonians and Assyrians, Life and Customs*. The Project Gutenberg eBook 2008
71. BIGGS: *Op cit* 2005;p11
72. PARPOLA S: Letters from Assyrian and Babylonian scholars. *State Archives of Assyria* 10, Helsinki: Univ Helsinki Press 1993;p19
73. Lambert WG: The Gula hymn of Bulluûsa-rabi. *Orientalia* 1967;36:105-132 (pg 121)
74. PARPOLA S: *Op cit* The Nature of the King's Disease SAA 1908;10:315
75. JASTROW M: *Op cit* 1914;p151
76. PARPOLA S: *Op cit* A Sick King SAA 1908;10:242
77. PARPOLA S: *Ibid* Inflammation of the Eyes SAA 1908;10:243
78. PARPOLA S: *Ibid* Treating the King's Skin SAA 1908;10:318
79. PARPOLA S: *Ibid* Curing an Abscess SAA 1908;10:319
80. PARPOLA S: *Ibid* Remedies for Nosebleed SAA 1908;10:321
81. PARPOLA S: *Ibid* Smoke Therapy for Ears SAA 1908;10:323
82. PARPOLA S: *Ibid* Diarrhoea SAA 1908;10:326
83. PARPOLA S: *Ibid* Half my Kingdom to the Man Who Cures my Child SAA 1908;10:187
84. PARPOLA S: Letters from Assyrian Scholars to King Esarhaddon and Assurbanipal Commentary and Appendices. Kevelaer: Butzon & Berckler 1970-1983;pp495
85. JASTROW M: *Op cit* 1914;p146
86. CAMPBELL THOMPSON R: *Op cit* 1929,p70
87. KINNIER WILSON JV: Diseases of Babylon: an examination of selected texts. *J Roy Soc Med* 1996;89:135-140
88. Geller MJ: West meets east: early Greek and Babylonian diagnosis. *Archiv für Orientforschung* 2001-2002;48-49:50-75
89. OPPENHEIM AL: The archives of the palace of Mari: A review article. *J Near East St* 1952;11:129-39,(p137)
90. JASTROW M: The liver in Antiquity and the beginnings of Anatomy. *Trans Coll Phys (Philadelphia)* 1907;XXIX(3.s.):117-138